

A LÍNGUA NA ANÁLISE DO DISCURSO

LANGUAGE IN DISCOURSE ANALYSIS

Edmundo Narracci Gasparini¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir o lugar e a relevância da língua no campo da Análise do Discurso. Tomaremos como objeto de reflexão textos de Michel Pêcheux – fundador da Análise do Discurso –, textos a partir dos quais será possível indicar que a materialidade linguística deve ocupar um lugar central nas práticas de análise. É um olhar à língua que pode conferir rigor à Análise do Discurso hoje, campo em que é possível vislumbrar análises que, relegando a segundo plano a língua, referem-se primordialmente à interpretação do analista, sem a devida atenção à descrição da materialidade linguística. A interpretação do analista deve fundamentar-se na descrição de arranjos linguísticos. Num momento em que o campo da Análise do Discurso está confrontado com uma profusão de trabalhos e com abordagens diferenciadas do discurso, em que tanto o conceito de discurso quanto os procedimentos de análise parecem estar um tanto diluídos, acreditamos que é importante retomar Michel Pêcheux e apontar para a relevância da língua nas práticas de análise.
PALAVRAS-CHAVE: Língua. Discurso. Procedimentos de análise discursiva.

ABSTRACT: The objective of this article is to discuss the insertion and the relevance of language in Discourse Analysis. I will reflect on texts written by Michel Pêcheux – considered the founder of Discourse Analysis – from which it will be possible to indicate that language must occupy a central place in the analyses. Today, it is the attention to language that can satisfy the need for rigour in Discourse Analysis, a field in which it is possible to identify analyses that, failing to take into account language as a central element, refer basically to the interpretation of the analyst, without due consideration of language. The analyst's interpretation must be based on the description of language. In a moment when Discourse Analysis is facing a profusion of analyses and different approaches to discourse, when both the concept of discourse and the procedures of analysis seem to lack consistency, I believe that it is important to reflect on Michel Pêcheux's studies and point to the relevance of language in Discourse Analysis.

KEYWORDS: Language. Discourse. Procedures of discourse analysis.

¹ Universidade Federal de São João Del-Rei

A LÍNGUA NA ANÁLISE DO DISCURSO

O objetivo deste artigo é discutir o lugar e a relevância da língua no campo da Análise do Discurso (AD). Acreditamos que empreender essa discussão, colocando em destaque a centralidade da língua na AD, é fundamental para as práticas de análise hoje, momento em que o campo da AD é marcado por uma profusão de trabalhos e por abordagens diferenciadas do discurso, em que o conceito de discurso e os procedimentos de análise parecem estar um tanto diluídos. Para cumprir o objetivo proposto, tomaremos como objeto de reflexão textos de Michel Pêcheux – fundador do campo da AD –, textos a partir dos quais será possível indicar que a materialidade linguística deve ocupar um lugar central na prática de análise.

Interessa destacar que, ao longo de todo o seu percurso teórico, Michel Pêcheux sempre atribui à língua um lugar fundamental na AD: a língua é sempre “condição **material** de base do discurso” (LEITE, 1994, p.13, grifo do autor), é a materialidade na qual advém o sentido que se constitui sócio-historicamente. Apesar disso, ao longo de sua trajetória teórica, Pêcheux aborda a língua – sempre como condição de base do discurso – de duas maneiras diferentes. Num primeiro momento, a língua é considerada sistema regido por leis fonológicas, morfológicas e sintáticas, isto é, por leis abordáveis no campo da Linguística. A esse sistema atribui-se uma autonomia relativa, pois para além desse funcionamento autônomo (fonológico, morfológico, sintático), há um funcionamento não linguístico, e que se refere às determinações do discurso. Num momento posterior da trajetória de Pêcheux, a língua é abordada a partir de um recurso explícito a um elemento proveniente da teoria psicanalítica, qual seja, *lalangue*, ponto em que existe língua e existe inconsciente. Discutir o lugar e a relevância da língua no campo da AD, que é nossa proposta neste artigo, demanda que se leve em conta essa distinção importante no percurso de Michel Pêcheux.

Para iniciar nossa discussão sobre o lugar ocupado pela língua na AD, é importante tomar como objeto de reflexão *Análise Automático do Discurso*, texto considerado fundador do campo da AD. Nesse texto, Pêcheux (1997a) indica que até o *Curso de Linguística Geral* o estudo de uma língua correspondia com frequência ao estudo de textos. As questões que se colocavam a respeito de um texto eram questões acerca do que ele discutia, acerca das ideias nele expressas, ou ainda questões sobre a adequação do texto às normas da língua. Na discussão feita por Pêcheux, relevante é a indicação de que, com a fundação da Linguística científica por Ferdinand de Saussure, a língua começa a ser abordada como sistema, deixando de ser discutida como se tivesse a função de expressar sentido. Pêcheux destaca que o *Curso*

introduz um importante deslocamento conceitual, deslocamento esse que promove um afastamento da perspectiva de uma *função* da língua (de expressar o sentido) em direção àquela de seu *funcionamento* na condição de sistema.

Na perspectiva do deslocamento promovido por Saussure, o texto não poderia mais ser o objeto de estudo da Linguística, porque é a língua (e não o texto) que possui um funcionamento. De acordo com Pêcheux, o deslocamento saussuriano coloca em destaque a ideia de que “o que funciona é a **língua**, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto” (PÊCHEUX, 1997a, p.62, grifo do autor). Importante na argumentação desenvolvida por Pêcheux é a ideia de que a constituição da Linguística como ciência deixou a descoberto o estudo do texto, e a questão abandonada pela Linguística continuou a se fazer ouvir: “O que quer dizer este texto?” (PÊCHEUX, 1997a, p.63). Segundo Pêcheux, a fundação da Linguística científica gera um resto que não deixa de retornar, impondo-se de forma insistente como uma questão acerca do sentido: “Que significação contém este texto?” (PÊCHEUX, 1997a, p.63). A esse respeito, não é sem interesse mencionar aqui a afirmação de Émile Benveniste (2005) segundo a qual muitos linguistas tentam evitar, ignorar, expulsar o sentido, atendo-se à questão da forma. Mas, segundo Benveniste, é inútil: “essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (BENVENISTE, 2005, p.135). Vale destacar aqui a menção de Benveniste ao sentido como cabeça de medusa, isto é, como algo que fascina e afasta ao mesmo tempo, como um elemento do qual a Linguística pretendeu se livrar, mas sem sucesso... A afirmação de Pêcheux, em *Análise Automática do Discurso*, segundo a qual a questão do sentido, abandonada pela Linguística, continua a se impor de forma insistente relaciona-se, a nosso ver, à indicação de Benveniste referente ao sentido como algo que fascina e, ao mesmo tempo, causa repulsa.

Para Pêcheux, um tratamento adequado à questão do sentido demanda um novo deslocamento teórico, demanda “uma ‘mudança de terreno’ que faça intervir conceitos exteriores à região da lingüística [*sic*] atual” (PÊCHEUX, 1997a, p.73). Tentemos delimitar os contornos da “mudança de terreno” proposta por Pêcheux em 1969, mudança de terreno que, promovendo um deslocamento conceitual no campo dos estudos sobre a língua, corresponde à própria fundação da Análise do Discurso como campo que pretende abordar cientificamente a questão do sentido.

Importante nessa mudança de terreno é a intervenção de Pêcheux na oposição saussuriana entre a língua e a fala. Para Pêcheux, é indispensável questionar a identidade implicitamente estabelecida entre a língua e o extra-individual, ou seja, questionar a ideia de que, no que se refere à linguagem, o extra-individual corresponde apenas à língua como sistema. Pêcheux coloca em destaque “um nível intermediário entre a singularidade individual [a fala] e a universalidade [a língua], a saber, o nível da **particularidade** que define ‘contratos’ lingüísticos [*sic*] específicos de tal ou tal região do sistema, isto é, feixes de normas mais ou menos localmente definidos” (PÊCHEUX, 1997a, p.74, grifo do autor). Portanto, Pêcheux destaca um nível intermediário entre a língua e a fala – o discurso enquanto nível da particularidade –, que seria possível abordar a partir de uma mudança de terreno que faria incidir na Linguística conceitos exteriores a ela.

Em *Análise Automática do Discurso*, Pêcheux tece considerações críticas sobre o conceito de fala no *Curso de Linguística Geral*. Segundo o autor, “A fala, enquanto uso da língua, aparece como um **caminho da liberdade humana**” (PÊCHEUX, 1997a, p.71, grifo do autor). Indicando que no *Curso* o falante comparece como uma espécie de unidade de intenções conscientes, Pêcheux afirma que o discurso, longe de se configurar como lugar da liberdade humana, “é sempre pronunciado a partir de **condições de produção** dadas” (PÊCHEUX, 1997a, p.77, grifo do autor). O autor toma como exemplo o discurso de um

deputado na Câmara: na perspectiva saussuriana, tal discurso seria da ordem da fala e colocaria em cena a liberdade do falante. Na perspectiva delineada por Pêcheux, por sua vez, esse discurso está situado “no interior da **relação de forças** existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado” (PÊCHEUX, 1997a, p.77, grifo do autor), e corresponde a “um certo **lugar** no interior de uma formação social dada” (PÊCHEUX, 1997a, p.77, grifo do autor) ².

No texto de 1969, Pêcheux sugere o nome “processo de produção do discurso” para designar os mecanismos constitutivos do sentido em condições de produção específicas. O estudo científico desses processos de produção supõe “o estudo das **variações (grifo nosso)** específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o ‘fundo **invariante (grifo nosso)**’ da língua (essencialmente: a sintaxe como fonte de coerções universais)” (PÊCHEUX, 1997a, p.74-75). Fica delineada na argumentação de Pêcheux uma distinção importante, qual seja, uma distinção entre a “variação” referente aos processos de produção do discurso, constitutivos do sentido, e a “invariância” da língua, isto é, uma distinção entre a multiplicidade de processos discursivos e a unidade invariante da língua. A língua comparece em *Análise Automática do Discurso* na condição de fundo invariante em que os processos de produção do discurso, em sua variação, exercem seus efeitos.

O fundo invariante da língua se refere fundamentalmente à sintaxe como fonte de coerções universais. Portanto, a perspectiva de um fundo invariante mobiliza a língua em seu funcionamento sintático. Para estudar os processos de produção do discurso, atingindo assim o nível da particularidade do discurso, da constituição dos sentidos, é imprescindível tomar como base a língua. Em outras palavras, a língua na condição de fundo invariante torna-se um elemento fundamental na abordagem dos processos de produção do discurso. Nesse sentido, se por um lado a mudança de terreno sugerida por Pêcheux faz intervir conceitos exteriores à Linguística, tal “mudança” encontra-se fundamentada numa “permanência” no terreno da Linguística, onde a língua é abordada enquanto ordem própria em seu funcionamento fonológico, morfológico, sintático etc.

Em nossa tentativa de colocar em destaque a relevância da língua na AD forjada por Michel Pêcheux, é importante retomar dois textos de 1975 onde encontramos discussões similares sobre a língua em sua relação com os processos discursivos constitutivos do sentido. Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux afirma que

[...] o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo **discurso**: a língua se apresenta, assim, como a **base** comum de **processos** discursivos diferenciados [...].

Ao opor **base lingüística [sic]** e **processo discursivo**, inicialmente estamos pretendendo destacar que [...] todo sistema lingüístico [sic], enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma **autonomia relativa** que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Lingüística [sic]. (PÊCHEUX, 1988, p.91, grifos do autor)

² Sobre a crítica de Pêcheux ao conceito de fala no *Curso de Linguística Geral*, é importante indicar que a fala no *Curso* não fica restrita à ideia de ato de liberdade individual, isto é, à ideia de “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1974, p.22), mas comparece também como sendo estritamente determinada pela língua. É possível recuperar do *Curso* a ideia de que não há fala sem língua. Nesse sentido, a fala não é espaço da liberdade humana, como o diz Pêcheux, mas sim espaço determinado pelo sistema linguístico, pois o falante está sempre sujeito ao funcionamento da língua.

Nesse trecho, Pêcheux coloca em destaque a oposição existente entre “base linguística” e “processo discursivo”. Uma língua é apenas relativamente autônoma, visto que, para além de seu funcionamento fonológico, morfológico e sintático, está submetida a processos discursivos diferenciados. A língua, em seu funcionamento regido por leis abordáveis no campo da linguística, é a base comum de processos discursivos diferentes. O ponto que queremos destacar aqui se refere a que o estabelecimento dos processos discursivos enquanto objeto de estudo científico, isto é, a própria fundação da Análise do Discurso por Michel Pêcheux, está na estrita dependência da língua enquanto objeto de estudo da Linguística.

Em *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas* (também de 1975), Michel Pêcheux e Catherine Fuchs indicam que a materialidade da língua remete à ideia de funcionamento “no sentido saussuriano” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p.172), em oposição à ideia de função. Entendemos que tomar a língua como materialidade na qual se desdobram os processos discursivos constitutivos do sentido consolida o deslocamento saussuriano da função da língua (de expressar o sentido) rumo ao seu funcionamento. É no horizonte de uma crítica à perspectiva da língua enquanto possuidora da função de expressar o sentido, ou enquanto instrumento para a comunicação, que Pêcheux assinala à língua sua “autonomia relativa”, seu lugar material enquanto “base” sobre a qual se desenvolvem os processos discursivos constitutivos do sentido.

Importa destacar aquilo que Pêcheux e Fuchs (1997) chamam de “evidência da leitura subjetiva”, que seria uma evidência ilusória (efeito da ideologia) a partir da qual um texto supostamente seria, de forma biunívoca, possuidor de um sentido. O dispositivo de análise construído por Pêcheux e Fuchs em 1975 propõe-se, de forma a abordar cientificamente os processos discursivos constitutivos do sentido, atravessar as evidências ideológicas da leitura subjetiva, atravessar o que os autores chamam de “efeito-sujeito”. Tal dispositivo privilegia a língua enquanto lugar a partir do qual essas evidências ilusórias poderiam ser atravessadas: “a AAD [análise automática do discurso], que deseja ‘atravessar o efeito-sujeito’, deve aferir **onde** ela o atravessa **na língua**” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p.174, grifos dos autores). Não reproduzir o efeito-sujeito através de uma “análise objetiva”, fazer furo nas evidências da leitura subjetiva é, segundo Pêcheux e Fuchs, algo fundamental. Entendemos que considerar a língua uma base dotada de autonomia relativa fundamenta a abordagem não-ideológica do sentido proposta por Pêcheux e Fuchs em 1975. Ou seja, a distinção entre base linguística e processo discursivo é forjada em íntima vinculação com o propósito de evitar o recurso a um “semantismo implícito” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p.173), de evitar cair no engodo do efeito subjetivo de leitura, isto é, de fazer furo nas evidências ideológicas de sentido. Portanto, entendemos que é na perspectiva de atravessar a ilusão constitutiva do efeito-sujeito que a língua é abordada como base material.

Importa dizer que, no contexto dos textos que estamos discutindo, isto é, num momento inicial da trajetória de Pêcheux (até o ano de 1975), a prática de análise se dava sempre numa determinada ordem: primeiro, análise linguística, feita inclusive nos moldes da Gramática Gerativo-Transformacional de Noam Chomsky; em seguida, uma análise de cunho discursivo, procurando colocar em destaque os efeitos de sentido produzidos na materialidade da língua como efeito dos processos discursivos. Fica evidenciada aqui não apenas a distinção entre base linguística e processo discursivo, mas sobretudo a relevância da língua na análise dos processos discursivos constitutivos do sentido, eis o ponto que queremos destacar. A base linguística, o fundo invariante da língua – em sua distinção com os processos discursivos – é um elemento central numa abordagem do discurso que se pretende científica.

Após 1975, há uma nítida ruptura de Pêcheux com o ideal de ciência que marca sua trajetória inicial. Em 1983, no texto *O Discurso: estrutura ou acontecimento?*, Pêcheux (1997b) tece importantes considerações sobre a prática de análise discursiva, e indica que essa

prática deve se dar numa alternância entre a descrição de arranjos linguísticos e a interpretação. Não se trata de duas fases sucessivas, mas sim de alternância, diz Pêcheux em 83. Deve-se indicar que é justamente no final da década de 70 e início da década de 80 que Pêcheux, aproximando-se da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, começa a abordar a língua de forma diferente. Como afirmamos anteriormente, nesse momento de seu percurso Pêcheux aborda a língua como *lalíngua*, *lalangue*, ponto em que existe língua e existe inconsciente. Entretanto, à materialidade da língua dá-se ainda um lugar privilegiado, central, a despeito da mudança na forma de conceber essa materialidade.

É o que a notável análise discursiva realizada em *O Discurso: estrutura ou acontecimento?* permite vislumbrar: trata-se da análise do enunciado *On a gagné*, que despontou em diversas cidades francesas quando François Mitterrand foi eleito presidente em 1981. É justamente a descrição da materialidade linguística de *On a gagné* que fundamenta a interpretação do enunciado para além de sua inserção num universo de estabilidade lógica, a partir do qual – como numa partida esportiva – Mitterrand venceu, ponto final. É a atenção à materialidade linguística de *On a gagné* que fundamenta a problematização da vitória de Mitterrand: o pronome indefinido *on*, que designa pessoas de uma forma imprecisa, deixa em suspenso aquele que ganhou. Pêcheux (1997b) pergunta: afinal, quem ganhou de fato, para além das aparências? O autor indica também que em *On a gagné* a alegria da vitória é enunciada sem complementação, pois o verbo *gagner* vem sem objetos. Embora os complementos possam ser supostos (ganhou-se “o jogo”, “a partida”, “a primeira rodada” antes das eleições legislativas; ganhou-se também “por sorte”, quando nem se acredita que seja possível ganhar; ganhou-se “terreno sobre o adversário”; ganhou-se, enfim, “o poder”), não é possível mostrar de forma unívoca aquilo de que se trata. O ponto fundamental aqui é o seguinte: é a descrição da materialidade léxico-sintática do enunciado que permite a Pêcheux (1997b) destacar a opacidade do enunciado *On a gagné*, remetendo-nos para além da inscrição da vitória de Mitterrand num universo de estabilidade lógica. Atribuir importância à materialidade linguística do enunciado e propor-se a descrevê-lo de forma a extrair consequências para a interpretação marca um forte contraste com parte dos trabalhos desenvolvidos por analistas do discurso atualmente...

Esse é justamente o ponto que gostaríamos de colocar em discussão. Pois temos a impressão de que uma parte dos trabalhos produzidos em *Análise do Discurso* hoje relega a segundo plano a materialidade da língua nas análises realizadas, deixando de lado a descrição de arranjos linguísticos que, em alternância com a interpretação (PÊCHEUX, 1997b), poderiam fundamentar a própria interpretação. O resultado, a nosso ver, é um grande número de análises discursivas que se assemelham mais a “análises sociológicas” ou que se configuram como meros exercícios de interpretação de material linguístico, sem a devida atenção à descrição da materialidade linguística. Em ambos os casos, há um nítido afrouxamento do vínculo entre as análises discursivas e as ciências da linguagem.

O que objetivamos fazer neste artigo foi, através da retomada de textos de Michel Pêcheux, discutir o lugar da língua no campo da AD, demonstrar a relevância da materialidade linguística nas práticas de análise discursiva, materialidade linguística que não deve ser deixada de lado, que deve ser objeto de descrição a fundamentar a interpretação, em alternância com ela (PÊCHEUX, 1997b). Acreditamos que é um olhar à língua que pode, hoje, conferir rigor à AD. Num momento em que estamos confrontados com uma profusão de trabalhos em *Análise do Discurso* e com abordagens diferenciadas do discurso, em que tanto o conceito de discurso quanto os procedimentos de análise parecem estar um tanto diluídos, acreditamos que pode ser importante retomar Michel Pêcheux e apontar para a relevância da língua nas práticas de análise.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005.

LEITE, N. *Psicanálise e Análise do Discurso – o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F. e T. HAK (Org.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.* Campinas: UNICAMP, 1997a, p. 61-161.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas: Pontes, 1997b.

_____. *Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. e C. FUCHS A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e T. HAK (Org.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.* Campinas: UNICAMP, 1997, p.163-253.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini *et al.* 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

Recebido em: 09 de julho de 2015.

Aceito em: 31 de julho de 2015.